

Entrevista**Orlando Alves**

ROSA SANTOS

MONTALEGRE ESTÁ NA MODA E TEM CHARME

ORLANDO ALVES. Montalegre acolhe no próximo fim-de-semana a visita do chefe do governo no âmbito da Feira do Fumeiro. Em entrevista ao Correio do Minho e à Antena Minho, o autarca diz que, apesar da interioridade, o seu município está na moda. Presidente da câmara assume ainda que a ligação histórica e cultural de Montalegre com Braga pode perder-se.

| Rui Alberto Sequeira |

PRIMEIRO PLANO (PP)- Desde que assumiu o cargo de presidente da Câmara Municipal de Montalegre, após as autárquicas de 2013, o seu papel tem sido essencialmente o de embaixador do concelho na divulgação do que de melhor tem o município. Está de acordo com esta interpretação?

R - (risos)...A circunstância de ser embaixador, ou de me considerarem como tal, é para mim um epíteto honroso. Devo dizer que me considero também imbuído dessas funções até porque não estou a fazer nem mais nem menos do que o papel que me cabe e das responsabilidades que assumi, enquanto autarca.

PP- Entende que essa necessidade de ir para o terreno divulgando o que se faz em Montalegre é uma atribuição bem mais importante na actualidade, em que existe competitividade entre os municípios, do que propriamente a de um presidente de câmara virado para obras?

R - É sem dúvida uma função de primordial importância. O posicionamento geográfico do nosso concelho - 'encaixado' entre cinco serras - que de alguma forma também ajudou a garantir uma identidade cultural das gentes barrosãs, continua hoje a prevalecer, a constranger-nos e a asfixiar o nosso desenvolvimento. As acessibilidades para Montalegre castigam-nos porque não estão ao nível daquilo que merecemos. O município contribui com 200 milhões de euros para o Produto Interno Bruto Nacional só em produção de energia eléctrica.

PP- Estão construídas cinco barragens na área do município...

R - Se não fosse a circunstância de Montalegre ter tido a sorte de ter autarcas cria-

tivos, empenhados, estaríamos hoje numa posição muito debilitada quer social, quer economicamente, isto porque o poder central não tem tido connosco a atenção e o respeito que nos é devido. Mesmo com todos os constrangimentos, Montalegre com os seus autarcas, as suas associações, as suas gentes, tem conseguido criar e manter um conjunto de acontecimentos que estão na agenda do país.

PP- No domínio das acessibilidades continua por fazer a ligação rodoviária entre Montalegre e Chaves apesar de uma ponte construída há vários anos, mas que não tem acessos.

R - Temos uma ponte fantasma perdida no meio da serra edificada em resultado de uma candidatura conjunta das duas autarquias. A estrada é desejada pelos dois municípios que se empenharam na construção da ponte. Ficámos à espera que depois da sua construção houvesse também dinheiro para fazer a estrada. Dinheiro que infelizmente nunca veio.

PP-E através do novo Quadro Comunitário de Apoio (QCA) também será muito difícil haver um financiamento.

R - O QCA não contempla quaisquer verbas para obras desse âmbito. Assim sendo vamos nós, autarquia de Montalegre, fazer a estrada até ao limite do concelho, com os nossos próprios recursos. Já fizemos várias reformulações ao projecto e com cerca de um milhão e 200 mil euros poderemos avançar para a construção que não será pela ponte. Essa vai ficar abandonada. Se a opção fosse seguir o traçado da ponte o investimento seria bem maior.

PP- Essa é a determinação de Montalegre e do lado de Chaves?

R - Não me compete a mim a falar, mas o meu colega de Chaves certamente que ficará sem muitos argumentos para não fazer a obra no seu município.

Orlando Alves

As acessibilidades para Montalegre castigam-nos, mas mesmo com todos os constrangimentos, temos conseguido criar e manter um conjunto de acontecimentos que estão na agenda do país.



ROSA SANTOS

PP - A ligação a Chaves é estruturante para o desenvolvimento de Montalegre?

R – Absolutamente! Nós temos histórica e culturalmente uma ligação com a cidade de Braga que corre o risco de se perder porque nunca fomos acompanhados por Braga na exigência de melhores acessos a Montalegre. Aliás os próprios concelhos minhotos atravessados por essa estrada também nunca fizeram muita pressão para que houvesse mais do que algumas obras pontuais de requalificação da Nacional 103. Com a construção da acessibilidade para Chaves há um risco de com o decorrer dos anos, se esvair a ligação histórica e cultural de muitos séculos com Braga.

PP- A estrada para Chaves é para avançar ainda este mandato?

R- Sim. A obra vai ser fraccionada. O concurso para a primeira fase está pronto para ser lançado. O troço entre Vilar de Perdizes e Machido vai arrancar imediatamente.

PP- Referenciou o contributo de Montalegre de 200 milhões de euros para o PIB através das barragens no concelho. Tem existido um retorno financeiro para Montalegre através da EDP?

R- A lei está mal feita. A EDP é uma empresa e cumpre a lei. A EDP tal como muitas outras empresas não paga os seus impostos nas localidades onde faz a receita mas onde tem a sede. Curiosamente no próximo QCA há uma diferenciação positiva relativamente às empresas que se instalem no interior e que passam a ter uma majoração nos benefícios e nos montantes financeiros a atribuir, mas, não podem ter a sede num outro local qualquer. É onde se instalam que devem ter o seu domicílio fiscal e é aí que vão pagar os seus impostos. Esta disposição comunitária não tem efeitos retroactivos.

PP-Mas a EDP paga uma renda ao Município ?

R- É um montante que não chega aos 500 mil euros. Não dá para pagar os consumos com a iluminação pública

PP- E no que diz respeito a outro tipo de parcerias?

R- Temos uma parceria num programa denominado o 'CoEmprende' e há três projectos que são merecedores de um prémio de cinco mil euros que vai ser entregue na presença do Primeiro-Ministro que na próxima sexta-feira; dia 23 de janeiro; visita Montalegre. É um programa que tem efectivamente uma parceria com a EDP, mas resulta das compensações que a empresa deu a Montalegre na sequência

dos trabalhos de construção dos túneis e das centrais no sistema Cávado/Rabagão. O nosso município foi contemplado com um milhão e meio de euros. Dessa verba protocolada gastámos 380 mil euros e temos afectado ao 'CoEmprende' 78 mil euros. Uma verba que nós canalizámos para esse programa. É um dinheiro que está a ser muito bem aplicado numa parceria entre a Câmara Municipal, a EDP e a Universidade do Minho que está a liderar todo o processo de encaminhamento, de motivação e ajuda técnica aos jovens de Montalegre que pretendam avançar e concretizar uma ideia de negócio para nossa terra.

PP – De entre os eventos que colocam o seu município na agenda nacional de acontecimentos, está a Feira do Fumeiro que começa no próximo dia 22 deste mês. Um certame que vai na sua vigésima quarta edição. É para além do mais uma realização de grande alcance económico para Montalegre?

R- Trata-se de uma excelente oportunidade para que Montalegre se continue a afirmar num contexto nacional como uma terra de eventos que ultrapassam as fronteiras concelhias e da própria região. A Feira do Fumeiro tem uma dimensão quase nacional e o facto de termos o Primeiro-Ministro, a presença da presidente da Assembleia da República e depois também o secretário geral do Partido Socialista a passarem por Montalegre...

PP- Temos Montalegre na próxima semana e por causa da feira do fumeiro transformada na capital política do país..(risos)

R-..(risos) É verdade. Também isso testemunha a importância ou o relevo aquilo que se faz no concelho. A Feira do Fumeiro de Montalegre é indiscutivelmente aquela onde existe maior volume de negócios e há mais visitantes. É o grande cartaz - a par das sexta-feiras 13 - de Montalegre.

PP-Toda a economia local beneficia deste certame?

R- Há uma transversalidade muito grande. A Feira do Fumeiro por exemplo, faz com que o produtor interaja com a natureza, tem de trabalhar os campos para alimentar os seus animais e essa é desde logo uma garantia da qualidade da carne animal. Esse é um primeiro aspecto. Depois a Feira do Fumeiro e também as realizações à volta da 'Sexta-feira 13', mexem com a hotelaria, com a restauração, com o comércio local. Os efeitos práticos da Feira do Fumeiro vão muito para além dos quatro dias de realização do certame (22 a 25 de Janeiro).

Feira do Fumeiro afirma Montalegre no calendário nacional dos eventos e a presença do Primeiro-Ministro é um reconhecimento e é aquela onde há maior volume de negócio e a que tem mais visitantes. Não vendemos gato por lebre.

PP- Está quantificado o que representa para a economia local a Feira do Fumeiro?

R- Não há estudos. Fizemos para o campeonato do Mundo de Rallycross e para o final da etapa da Volta a Portugal em bicicleta. No caso da Volta verificou-se que houve um retorno para Montalegre de 2,5 milhões de euros. Obviamente que não é de forma imediata. O mesmo sucede em relação ao Campeonato do Mundo de RallyCross onde também tivemos retorno financeiro, não sendo contudo tão elevado como no caso do ciclismo. No caso da “Sexta-feira 13” também já fizemos alguns estudos e verifica-se que também neste evento há um retorno financeiro considerável. Mas para a Feira do Fumeiro nunca se fez. De qualquer forma é visível que o seu impacto económico é muito superior a todas as outras realizações

PP- A presença do chefe do governo na Feira deste ano vai ao encontro do tal papel de embaixador do concelho que o senhor presidente tem assumido neste seu primeiro mandato?

R- Sim. Vamos receber o Primeiro-Ministro com a honra e a dignidade que o cargo merece. Ter aceite o convite para estar presente é para nós muito honroso e deixa transparecer a importância que se dá a uma realização que é feita com os nossos recursos..

PP- O vídeo feito para promover a Feira, por gentes e associações de Montalegre e que se tornou viral na internet, foi um contributo muito importante para dar a conhecer ainda mais o fumeiro da região? Acha que também ajudou a convencer Passos Coelho ?

R- (riso)..Claramente ! Claramente! Teve já milhares de visualizações e foi feito com gente da terra e esse também é o grande mérito de Montalegre. Quando a autarquia aponta um objectivo, os diversos agentes locais (economicos, culturais e desportivos) agarram na ideia e ajudam a que os projectos vão por diante e tenham bons resultados. Ainda sobre a Feira do Fumeiro queria dizer que temos todos os anos, este não vai ser excepção, temos uma grande presença de visitantes de todos os concelhos do Minho que emprestam à feira com a sua alegria, a sua musica, um ambiente de festa.

PP – A razão ou as razões que aponta para o sucesso em crescendo da Feira?

R- Diria que é a qualidade dos produtos assente numa certificação do fumeiro onde se garante que não se vende gato por lebre. É por isso que chegámos à edição número 24, para o ano completamos um quarto de século, com o sucesso que é reconhecido por todos. Este ano acredito

que vamos bater todos os recordes: de público, de vendas, de dormidas, etc.

PP- O concelho de Montalegre foi no passado um produtor importante de batata de semente. A produção intensiva levou a que o território fosse proibido de produzir batatas, as terras estiveram em pousio durante duas décadas porque estavam infestadas de doenças. Quando assumiu a presidência da câmara disse que queria reactivar a produção de batata de semente. Já há resultados ?

R- Não é fácil angariar aderentes para esta causa em função de expectativas que existiam e foram depois destruídas. Em 2014 tivemos 15 aderentes á produção. Este ano já vamos com 32. As inscrições já fecharam. A câmara vai continuar a fornecer a semente (batata) e a suportar os custos com as inspecções que são obrigatórias e realizadas por técnicos das Direcção Regional de Agricultura. Vamos pagar as análises obrigatórias aos terrenos. Vamos suportar todos os custos até que a produção de batata de semente consiga escala. Depois disso serão os privados a fazerem o seu caminho. A par disso constituímos uma cooperativa para acompanhar o processo da revitalização da batata de semente.

PP – E em relação aos apoios para a criação do cabrito de Montalegre?

R- Definimos regras para apoiar quem pretenda dedicar-se á sua criação. Apareceram alguns jovens interessados. O prémio que damos para a instalação é de 4 mil euros. Depois haverá outros incentivos que vão ser atribuídos anualmente em função do numero de cabeças de gado

PP- Montalegre vai novamente este ano ser palco de uma chegada da Volta a Portugal em bicicleta e do campeonato do Mundo de RallyCross?

R- Ambos os eventos desportivos estão marcados no nosso calendário de realizações. A etapa da Volta terá novamente a meta instalada na serra do Larouco, esperando nós que este ano esteja bom tempo e não a chuva e o frio do ano passado.

PP- O turismo é uma aposta inequívoca da autarquia?

R- Montalegre é depois de Chaves, no Alto Tâmega, o concelho com registo de mais dormidas.

PP- A oferta de camas é suficiente?

R- Para os eventos que se realizam em Montalegre nunca chegam, mas fora essas alturas há oferta suficiente.

PP- Montalegre está na moda?

R- Montalegre está na moda, tem charme. Digo-o com convívio. Montalegre seduz. Este ano vamos ter três ‘sexta-feira 13’ que têm cada vez mais aderentes.



ROSA SANTOS

Orlando Alves



ROSA SANTOS

Vou falar a Passos Coelho da necessidade de regionalização e dos acessos.

O poder central não tem connosco a atenção e o respeito que nos é devido. O Eco Celtic Park é ouro sobre azul para Montalegre, mas tenho receio das burocracias centralizadoras.

Em 2015 em Vilar de Perdizes depois de um hiato de 15 anos vamos com a população representar o Auto da Paixão. A peça teatral já está ser ensaiada e será mais um atractivo para a quadra pascal.

PP- Um projecto privado que pode ver a luz do dia é o 'Eco Celtic Park'. Do que se trata?

R- Seria 'ouro sobre azul' para Montalegre se esse investimento puder materializar-se. A empresa promotora 'Pena Aventura' já comprou os terrenos, já fez o projecto e não tenho duvida nenhuma que na orla da albufeira do Alto Rabagão implantar o 'Eco Celtic Park' que será um grande loteamento onde os alojamentos são tendas celtas, casas celtas com um conjunto de infraestruturas de apoio, com um hotel. Trata-se de um espaço onde haverá diversas iniciativas de inspiração celta e castreja.

PP- O que falta para que o 'Eco Celtic Park' se concretize?

R- Após a Feira do Fumeiro já tenho agendada na Comissão de Coordenação Regional do Norte uma reunião para tra-

tar de assuntos de natureza ambiental relacionados com a implantação do 'Eco Celtic Park' nas margens da albufeira. Espero que a costumeira burocracia da nossa Administração Central não inviabilize o projecto.

PP- O processo da reversão da Quinta da Veiga para a câmara de Montalegre é um exemplo desse seu receio das burocracias centralistas.

R- É um assunto em relação ao qual vou pedir ao Primeiro-Ministro que intervenha. A Quinta da Veiga é um terreno de 105 hectares que no passado o município de Montalegre disponibilizou ao Estado que ali instalou um centro experimental agropecuário mas que mais tarde abandonou. Nesse protocolo de cedência consta que a autarquia tem direito á reversão. Há empresários estrangeiros interessados nesse espaço que querem ali investir. É um processo que está em tribunal e que vai demorar dez anos a ser decidido.

PP- Que outros assuntos vai dar a conhecer a Pedro Passos Coelho?

R- Vou falar-lhe das acessibilidades dando como exemplo aquilo que aconteceu com a ponte e solicitar apoio do governo. Não será por 12 milhões de euros que se vai deixar de fazer a ligação entre Montalegre e Chaves. Vou apelar á coesão territorial. Vou ainda fazer sentir ao primeiro-ministro a necessidade que existe da regionalização.

PP- Os municípios que têm território no Parque Nacional da Peneda Gerês têm tentado ter uma participação activa na gestão do PNPG mas pouco se tem avançado.

R- Há uma promessa de uma Intervenção Territorial Integrada com dinheiros comunitários para o Parque mas que não resolve coisa alguma. O problema tem a ver com a ausencia no interior do PNPG de uma entidade que seja avaliada pela sua competência, que dialogue com as autarquias, com as populações, que trace um plano de intervenção, que conheça o Parque Nacional e que não seja para mudar em função das cores políticas dominantes.

PP- Relativamente ao investimento que está a ser realizado no complexo mineiro da Borralha quais são os próximos passos?

R- Vamos continuar a investir. Temos o espólio do escritório da empresa que é um arquivo importante para estudo. Fizemos intervenções na fundição. Queremos agora recuperar uma parte do interior da mina para que possa ser visitável. É neste sentido que vamos apresentar uma candidatura ao QCA.

PP- Tem tido tempo para se dedicar a uma das suas paixões que é a música ou a actividade autárquica tem sido impeditiva?

R- Não tenho tido tempo. Ainda assim fui cantar os Reis integrado no coro de Montalegre, mas de facto já não tenho a mesma disponibilidade para ir aos ensaios.

PP- Mas em casa vai afinando a voz?

R- Sim ! Sim ! É o meu escape ! Considero-me um melómano e sobretudo gosto de cantar.